

## O JULGAMENTO DAS BRUXAS DE SALEM

OLIVEIRA, Júlian Aparecida

---

**Resumo:** As mulheres dos tempos matriarcais foram se tornando mulheres de conhecimento e poder, mas sua presença logo foi se destacando. O patriarcal identificou nessas mulheres um perigo, ameaça, e reagiu pois não poderiam aceitar uma mulher opinar e muito menos ter algum direito. Por outro lado, havia os dogmas de uma igreja que dominava pelo terror – admitir a existência de mulheres mais livres e poderosas (no sentido mágico) do que eles próprios ou seja era inadmissível. Portanto a ordem foi acabar com essas mulheres rebeldes para o sistema da época classificando-as como Bruxas. Calcula-se que cerca de 60 mil mulheres foram queimadas vivas entre os séculos IV e VIII. Um genocídio cruel. Joana D’Arc foi queimada porque queria ser guerreira. Da paranoia masculina nasceu a imagem feia e negativa que até hoje se tem das bruxas. Entretanto, recentes movimentos de libertação da mulher e do resgate dos valores do feminino (igualdade de gênero) reivindicando a valorização da mulher tem favorecido e fortalecido a imagem da mulher no cenário brasileiro e mundial.

**Abstract:** The women of matriarchal times became women of knowledge and power, but their presence soon became prominent. The patriarchal identified in these women a danger, threat, and reacted! because they could not accept a woman's opinion, much less have any rights, on the other hand she had the dogmas of a church that dominated by terror - to admit the existence of women freer and more powerful (in the magical sense) than they themselves were . So the order was to wipe out these rebellious women for the system of the time by classifying them as Witches. It is estimated that about 60,000 women were burned alive between the 14th and 18th centuries. A cruel genocide. Joan of Arc was burned because she wanted to be a warrior. The male paranoia was born the ugly and negative image that still has witches. But recent movements for the liberation of women and the recovery of the values of the feminine, gender equality, undergo an incredible transformation, converting to our present day. Therefore it is important to be reminded of all the

Witches, not only those of the past but also those who live our present and strive not to be labeled, either by religion, sex, color .

### **Histeria coletiva à luz do direito**

Em 1692, nos Estados Unidos, processos judiciais marcaram uma histeria coletiva, fato até então sem precedentes naquele país: refiro-me às bruxas de Salem e o modo como essa catarse social marca a memória do Direito. Fatos de algum modo parecidos ocorrerão de novo na década de 1950, também nos Estados Unidos, com intenso movimento de perseguição a supostos comunistas, liderado por um prosaico senador, uma reminiscência das históricas “caças às bruxas”.

A locução também nos remete ao ideário medieval, de perseguição de feiticeiras, que hoje admitimos que eram mulheres que apenas destoavam de um suposto comportamento então esperado. Esses episódios, caças às bruxas, revelam a face vingativa da experiência jurídica: a sociedade também expurga seus pecados e transcende suas culpas. O episódio das bruxas de Salem ocorreu nas cidades de Boston e de Salem, no atual estado de Massachusetts. Foram cerca de 200 acusados, número expressivo num contexto de uma sociedade rural e incipiente. Entre eles (ou elas, em sua grande maioria) 29 foram sentenciados culpados. Há registros de que 19 foram enforcados; em sua maioria, insista-se, mulheres. As penas capitais, enforcamento, foram executadas em ambiente histriônico e pretensamente purificador. Tudo teria se iniciado em 1691, na casa do reverendo Samuel Parris, um dos líderes religiosos da região. Conta-se que um indígena caribenho, Tituba — que era escravo —, cuidava de duas garotas, respectivamente filha e sobrinha do pastor, com 9 e 11 anos. Tituba fazia mágicas e simulava a previsão do futuro. O grupo aumentou com mais oito meninas, com idades de 12 a 20 anos. Os puritanos de Salem desaprovaram essa situação. As meninas passaram a demonstrar sintomas estranhos: em transe, produziam barulhos, faziam gestos incompreensíveis, gritavam. A cidade de Salem foi tomada pelo pânico. O reverendo Parris chamou um médico, que examinou as meninas, diagnosticando que estavam enfeitiçadas.

“[...] É inquestionável que o povo acreditava sinceramente no malefícium, isto é, no dano causado pelas bruxas. Por um ou outro motivo, ele acumpliciava-se com as autoridades nas medidas tomadas para persegui-las e julgá-las. Na sociedade pré iluminista a existência do

demônio era coletivamente aceita porque servia como uma explicação conveniente para acontecimentos estranhos, para agressões injustificadas, ao que lhes parecia inusitado, ao inesperado. Por outro lado, socorrer-se de feiticeiras e de bruxas sempre foi uma maneira de tentar influenciar pessoas ou coisas sobre as quais se tinha escasso poder. [...].. (SCHILLING, 2004:19).

Tituba informou que fora pressionado por quatro mulheres e um homem; denunciou também Martha Corey e falou de um homem, magro e alto, que era de Boston. As denúncias se multiplicaram, enchendo as prisões de Salem e de Boston. Inclusive uma menina de cinco anos e um pastor foram presos. As sessões do julgamento teriam sido muito tumultuadas, com acusações mútuas. Os habitantes da região aproveitavam a onda de denúncias para prejudicar os desafetos

A primeira enforcada chamava-se Sarah Bishop, dona de uma taverna. Qual a acusação? Seu “espectro” teria pairado sob o berço de uma criança, que teria sofrido e que em seguida morreu. Uma outra acusada, Rebeca Nurse, discutiu com um pastor, prevendo que este morreria bebendo o sangue da acusada; conta-se que, quando o pastor morreu, havia forte sangramento em sua boca. Fatos incompreensíveis, certamente também fomentados por uma imaginação popular. A situação foi se acalmando com o tempo, especialmente com a vinda de um novo governador para a colônia, que passou a contar com uma outra Constituição (Charter). Muitas condenações foram revistas, e algumas famílias de vítimas foram indenizadas.

Esse parece ser o roteiro das histerias jurídicas coletivas, que a história capta nas inquisições, nas bruxas de Salem, no macarthismo e também em regimes políticos ditatoriais, a exemplo do nazismo, quando houve impressionantes e lastimáveis episódios de queima de livros em praça pública. A condição humana, em seus aspectos mais deploráveis, também é apreendida nesse imenso diálogo teatral, que alguns chamam de processo, cuja fragilidade dos acusados foi denunciada em memorável livro de Franz Kafka.

## **Considerações Finais**

Por fim, procuramos entender e pensar as razões que levaram o episódio a se perpetuar ao longo dos séculos, pensando no seu significado, mas também nos motivos das representações dele derivadas e na marca profunda que ele deixou na memória dos colonos ingleses e depois na dos norte americanos. Uma ferida tão aberta e não cicatrizada que se abre a cada novo episódio de intolerância e perseguição, que de acordo com Miller, se propaga não só por toda a história americana, mas pelo mundo, pois, "[...] existem inúmeras Salems contemporâneas, prontas para anunciar bruxarias [...]" (MILLER, 1997: 16).

Neste artigo procuramos pensar questões relativas à produção e construção de uma memória sobre um episódio emblemático da história dos Estados Unidos, e acreditamos que ele serve como um modelo de discussões e debates não só no campo jurídico como sobre a própria cultura desse país. O episódio abre um leque muito grande de forma a levantar novas questões para esse debate tão amplo.

## Referências

The Crucible. In: MILLER, Arthur. **The Crucible and Related Readings**. Boston: McDougal Littell, 2002. Aspectos factuais e informações aqui indicadas foram colhidas em DiCanio, Ted, Salem Witchcraft Trials: 1692, in Knappman, Edward W. (editor), Great American Trials, from Salem Withcraft to Rodeney King, Detroit, Washington, D.C., London: Visible Ink, 1994, pp. 18-22.

SCHILLING, Voltaire. América: **A história e as contradições do império**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SELLERS, Charles. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

TOTA, A. P. **Os americanos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.